

diferentes círculos, com suas letras e esculpturas; e, depois, o pé do calix, repartido nos seus seis passos; e será melhor cada sexta parte do círculo separada; e na mesma fôrma a columna e copo, de maneira que, quem vir a estampa, venha em perfeito conhecimento do calix.

E, por ora, peço a V. Rev.<sup>ma</sup> que me mande logo dizer se os passos que estão no copo, ficam perpendicularmente sobre os que estão no pé, — *verbi gratia*, o *Ecce Homo* sobre o Horto, Pilatos lavando as mãos sobre o passo da prisão, etc., — ou se ficam encontrados; porque quero saber se as dicções que estão aos pés das columnas do copo, ficam perpendiculares sobre as que estão na garganta da columna do calix, ou se correspondem aos arquinhos por que vão as letras no pé, entre passo e passo; porque me é esta noticia mui necessaria para confirmação do modo com que expliquei aquellas letras.

E tudo o que cá se disse sobre o calix e eu puder colher, mandarei a V. Rev.<sup>ma</sup>, ainda antes que se imprima, porque não quero que espere os vagares da impressão, — ainda que os versos se estão trasladando a toda a pressa.

Fico ás ordens de V. Rev.<sup>ma</sup>, a quem Deus guarde muitos annos, como desejo. Lisboa, 18 de Novembro de 1713. — [D. Manoel Caetano de Sousa].

No debuxo, desejo as pedras e esmaltês feitos das suas côres.

(*Continúa*).

JOSÉ PESSANHA.

### Os castellos de Fraião e de Pena da Rainha

A comarca portugueza que se estendia entre os rios Minho e Lima, no meado do sec. XIII, estava dividida em sete julgados, cujas terras eram: Valladares, Pena da Rainha, Fraião, Cerveira, Caminha, Terra de S. Martinho ou da Ponte, e Valle de Vez.

Fraião e Pena da Rainha tomaram o nome dos respectivos castellos, esses dois famosos baluartes medievaes do Alto-Minho, de que hoje apenas resta confusa lembrança. Como os elementos que nos ministram as *Inquirições de 1258*, a *Eglesia de Tuy*, do Bispo Sandoval, as *Visitas dos Arcediagos em 1700*, as *Relações parochiaes*, de 1758, etc., pudemos localizar aquelles antigos castellos.

Os nossos historiadores tem confundido o castello de Fraião com o da Pena da Rainha; é tempo de aclarar o assunto.

\*

O castello de Fraião, Froilão ou Florian<sup>1</sup> assentava nos penhascos do planalto da serra da Bolhosa, na freguesia de Boivão, nos limites dos actuaes concelhos de Coura, Valença e Monsão; o julgado de Fraião

<sup>1</sup> Tambem lhe chamavam — castello de Fernã: *Arch. Port.*, II, 311.

corresponde aos concelhos de Coura e Valença, e as suas justiças allí funcionavam ainda no reinado de D. Sebastião, sendo a residencia do *tenente* ou rico-homem.

A terra de Fraião foi doada por D. João I, em 2 de Janeiro de 1399, a Fernão Annes de Lima, e o seu senhorio persistiu nos seus descendentes, viscondes de Villa Nova de Cerveira e marqueses de Ponte de Lima, sendo o último marquês quem vendeu estes direitos a Manoel Rodrigues Barreiros Troncho, Manoel Correia de Pinho e outros, de Lisboa, mas quando elles pretenderam tomar posse, ha annos, os povos circumvizinhos amotinaram-se, embargando-lhes o passo, com o fundamento de prescripção. E assim tem continuado no gôzo d'esses extensos montados ou baldios.

Já no tempo de D. Affonso III se chamava *Forna* ao Castello de Fraião, como se vê nas *Inquirições*<sup>1</sup>.

As ruinas do castello ainda existiam no fim do sec. XVII, porém no seculo passado os vendavaes e os donos das propriedades proximas não deixaram pedra sobre pedra.

Os pastores indicam ao viajante curioso o alto da Forna, como lugar onde houve um castello, avocando para aqui a lenda da Rainha prisioneira, que pertence ao fronteiro castello da Pena da Rainha, que d'aqui dista um kilometro.

No *Minho Pittoresco*, do Dr. José Augusto Vieira, e no *Diccionario Chorographico*, de José Avelino de Almeida, encontram-se bellos artigos sobre a *Forna* ou castello de Fraião, apresentando aquelle magnifico livro um bello desenho dos penhascos do castello.

\*

O castello da Pena da Rainha ficava no cimo do monte de S. Martinho, na freguesia de Abbedim; *pena* tem a synonymia de *penha*, e chamam ainda hoje á ermida que permanece proximo—*S. Martinho da Pena ou da Penha*—, como lemos em Sandoval, e n-O *Arch. Port.*, II, 63.

Era, como o de Fraião, cabeça da terra do seu nome, correspondendo o seu julgado ao actual concelho de Monsão.

Os muros da sua alta vigia, grande torre roqueira, talvez a fallada *Penaguda*, foram mandados demolir no sec. XV por um abbade d'esta freguesia, e os restos da casaria adjunta e muralhas desapareceram

<sup>1</sup> *Portugaliae Monumenta Historica*, «Inquisitiones», I, 382.

completamente nos sec. XVII e XVIII; mas o pinaculo da montanha é apontado como residencia, appellidando-o o povo — *Castello da Rainha* —, como vimos nas *Visitas dos Arcediagos*, já atrás citadas.

Na rocha de granito restam abertos a pico os degraus de serventia da fortaleza; as suas grutas são mais amplas e mais curiosas que as de Fraião.

Sobre estas antiguidades deve-se ler *O Arch. Port.*, I, 142 e 143.

L. FIGUEIREDO DA GUERRA.

## Gimonde

### Ruinas.—Um marco miliario

Gimonde é uma pequena aldeia a 6 kilometros a nordeste de Bragança, situada na margem esquerda do Sabor, no ponto aonde se reúnem, para logo entrarem nelle, as linhas de agua, suas affluentes, das ribeiras de Contencio e Malar e do rio Igrejas, que tornam este local uma estancia muito aprazivel e pintoresca, realçando ainda mais a paisagem as suas duas pontes, notaveis uma pela sua construcção e antiguidade, a outra, feita ha poucos annos, quando se começou a estrada de Miranda, pela sua grandeza e solidez, que no genero é uma das melhores obras de arte que nos ultimos tempos se tem feito neste districto.

Desconhecida até agora, surge-nos hoje para a historia, apresentando dois monumentos importantes que attestam que no dominio romano tivera certa importancia.

Um d'esses monumentos são as ruinas de uma povoação morta, que se vêem no sítio do Arrabalde, em frente, na margem direita do Sabor, na volta que faz este rio, que bem lhe servia de fosso aquatico, defendendo-a, como obstaculo natural, por todos os lados, á excepção do sul, por onde estava separada do terreno adjacente por um profundo e amplo corte artificial a que chamam *cortadura*, que os ingenuos julgam ter sido feita para mudar a corrente do rio, e no qual, em correspondencia, e do lado poente, se notam ainda os vestigios dos encontros de uma ponte de pedra solta que a punham em communicação com a outra margem. Neste sítio observam-se em abundancia restos de muros de fortificação, de fragmentos de lousa, ceramica, tijolo, telha de rebordo e mós manuaras, tanto na parte mais elevada como na mais plana, limitada pelo rio, mostrando ter sido um povoado de certa consideração que viveu sob a protecção de um deus, cujo altar se erguia talvez aonde se vê hoje a velha e arruinada capella de S. Sebastião,